



AS FALAS FEMINISTAS DE JOVENS ESTUDANTES EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

Larissa Silva Alves

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: larissa-alves1@hotmail.com

Adriana Maria de Abreu Barbosa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: amabarbosa@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO

Cotidianamente nos deparamos com situações que marcam a posição da mulher. Dessa forma, podemos canalizar observações e reflexões em níveis análogos às condições de gênero com o intuito de aperfeiçoar a prática educativa e a transformação social. Tais observações tornaram-se perceptíveis após o surgimento do feminismo como movimento social. Mulheres na rua para reivindicar o que lhes é de direito humano, num tempo histórico no qual ser mulher era se dedicar a trabalhos domésticos, ser mãe e uma boa esposa, como nos explicou Beauvoir (1949), em *O segundo sexo*. Por isso o movimento luta por direitos. Segundo Carla Cristina Garcia (2015, p.13),

o feminismo pode ser definido como tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas.

A princípio, o feminismo clássico americano, quanto corrente filosófica, considera que “ser feminista” consiste na autocrítica perante papéis impostos à mulher em seu destino patriarcal. Em outras palavras, Carla Cristina (2015, p.13) observa:

Em um sentido amplo, pode-se afirmar que sempre que as mulheres – individual ou coletivamente – criticaram o destino injusto e muitas vezes amargo que o patriarcado lhe impôs e reivindicaram seus direitos por uma vida mais justa estamos diante de uma ação feminista.

Ainda conta que o objetivo das feministas americanas “*era um equilíbrio entre as necessidades de amor e de realização, individual e política*”.

Tomando a Análise Crítica do Discurso (ACD), como metodologia, para ler os



discursos que subjazem as falas de estudantes, busca-se observar a que feminismos se referem quando sugerem ser ou não feministas.

METODOLOGIA

Iniciaremos aqui uma discussão reflexiva sobre as falas de jovens estudantes do ensino médio de Vitória da Conquista/Ba. Esta coleta foi desenvolvida durante a disciplina de estágio supervisionado em uma escola da cidade, que ganha forma e destino para o trabalho de conclusão de curso no curso de Ciências Sociais. A ideia inicial era selecionar meninas do sexo feminino para uma entrevista que pudéssemos compreender o conceito de feminismo por elas praticado/discursado.

Com base na teoria do discurso em Teun A. Van Dijk, construímos aqui um método de análise voltado para a compreensão discursiva de cada estudante. Tendo como alicerces teóricos, as noções de gênero e feminismo por Simone de Beauvoir e Tereza de Laurettis, selecionamos duas falas para fins de análise neste trabalho. As referidas falas serão apresentadas a partir das seguintes abordagens:

1. Discurso quanto moderador de poder e controle social; Influências telecomunicativas; Instrumento lingüístico herdado e hegemonizado pela cultura dominante. (Van Dik)
2. O conceito de gênero (Laurettis,1994): Diferença sexual: “o conceito de gênero como diferença sexual e seus conceitos derivados – a cultura da mulher, a maternidade, a escrita feminina, a feminilidade, etc. – acabaram por se tornar uma limitação como que uma deficiência do pensamento feminista.” ; “Articular as diferenças entre as mulheres e Mulher”, ou seja, “as diferenças entre as mulheres” ; A partir dessa perspectiva, não haveria diferenças seriam “ou diferentes personificações de alguma essência arquetípica da mulher, ou personificações mais ou menos sofisticadas de uma feminilidade metafísico-discursiva.”
 - “Potencial epistemológico radical”: uma necessidade de refazer os conceitos de “diferenças sexuais” que esteja atrelada a constituição do sujeito na categoria gênero por meio de códigos lingüísticos e representações sociais (culturais); um sujeito múltiplo e contraditório.



- Analisar gênero como uma “tecnologia sexual”, consequentemente analisar o gênero como representação e como auto-representação, sendo “produto de diferentes tecnologias sociais”.
3. Feminismo (Margareth Rago, 2004): “Com todas as suas dificuldades e limitações, o feminismo criou um *modo específico de existência*, muito mais integrado e humanizado, já que desfez oposições binárias como a que hierarquiza razão e emoção, inventou eticamente, e tem operado no sentido de renovar e reatualizar o imaginário político e cultural de nossa época.”; (Simone de Beauvoir – 2016): “o homem é um ser humano sexuado: a mulher só é um indivíduo completo e igual ao homem se for também um ser sexuado.”

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Busca-se aqui desenvolver uma análise de duas falas das estudantes, que são recortes entre as quatro que foram entrevistadas. Tratadas por R2 e R3, seguem as seguintes Respostas sobre “o que elas entendem sobre o feminismo”:

R2: “*Não que o feminismo seja o oposto do machismo. É bem essa questão mesmo de buscar igualdade, de dizer que o machismo ele propõe a masculinidade, ele propõe oprimir a mulher. E nós não. [...] Eu não sabia o conceito de feminismo, quando as pessoas olharam pra mim e falaram “você é feminista”. Não sabia conceito, dizia que não era. Aí quando eu fui estudar, eu falei assim ‘como não ser feminista? Como não ser? Quem não é?’ [...] Ou sendo homem, eu acho que um homem pode ser feminista. Porque essa tal de igualdade de gênero todo mundo quer. Como ser humano que pensa é capaz de questionar, de compreender, e não ser?*”

R3: “*É uma luta de nós mulheres. [...] E eu vejo ponto positivo. Mas tem o lado negativo, porque as vezes a mulher fala “Ah, porque o homem faz eu também vou fazer.”, mas não é assim. Hoje em dia é ‘Ah, porque o homem tomou boca comigo, eu também tenho o direito de tomar com ele.’ Temos que se impor no lugar e saber o que pode e o que não pode.*”

Em R2, a estudante inicia o discurso citando um conceito abordado popularmente de que “o feminismo é o oposto do machismo”, quando pontuam o feminismo como um tipo de “vingança” sobre o domínio hegemônico, patriarcal e machista. Ainda que não seja a tentativa de vingança, a proposta de execução inicial do feminismo aposta na dissolução da estrutura hegemônica patriarcal. Nesta fala, a



estudante frisa a pauta do feminismo da primeira onda: a igualdade de gênero. Acredita que a igualdade seria o caminho propício e necessário para que todos auto se afirmem feminista, inclusive homens heterossexuais.

Em R3, o discurso aparece com um olhar diferente sobre o feminismo. Embora a estudando perceba que é “uma luta de nós mulheres”, ou seja, que são muralhas a serem combatidas, portanto, obtendo saldos positivos, ela aponta saldos negativos quando se trata das reproduções comportamentais do sexo masculino, as quais julga serem “machistas”. Isto é, a estudante parece discordar de que se confunda feminismo com imitação do masculino e desse modo reproduz uma preocupação consonante a segunda onda, que no Brasil teve em Rose Muraro uma referência, e afirmava que somos diferentes, mas não desiguais.

CONCLUSÃO

Escutar jovens estudantes é abrir as portas do conhecimento sobre realidades ocultas que, por sua vez, propõe alternativas para transformações sociais e ideológicas. Como resultado dentre as possíveis discussões reflexivas das jovens, podemos notar as seguintes: ambas partem da idéia de que para ser feminista é necessário posicionar-se como tal e apontam que há falhas em tais posicionamentos sendo necessário ampliar o conhecimento acerca do que se trata o movimento para que sejam executado com melhor compatibilidade teórica. Ainda que oculta a identidade da jovem R2, percebe-se que em sua fala existe a perspectiva de uma interpretação popular sobre o perfil estético e/ou comportamental de uma feminista. Quando ela aponta ter sido “rotulada” de feminista sem mesmo saber o conceito. Como as pessoas de convivência identificam uma mulher como feminista ou não feminista? A aparência é um dos fatores determinantes para descrição feminista? Limitar ou libertar?!

Conclui-se com esta análise que as jovens entrevistadas reproduzem discursos do feminismo, apresentando falas afinadas de que acompanham a evolução do movimento que, por sua vez, são de fases e que possuem dissidências. Consta-se que, embora possuam pouca revisão literária sobre o tema, entendem que o empoderamento feminino não é uma reprodução do comportamento machista. Reconhecemos aqui no discursos das estudantes afinidades com a teoria produzida pelas feministas.



A hipótese lançada busca investigar se os discursos feministas estão de volta na nova geração e é um trabalho que está em andamento para a dissertação do mestrado.

PALAVRAS CHAVES: Feminismo; Jovens Estudantes; Discurso.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos / Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

DIJIK, Teun A. Van. Discurso e poder/Teun A. Van Dijk; Judith Hoffnagel, Karina Falcone, organização. 2. Ed. – São Paulo: contexto, 2010.

GARCIA, Carla Cristina. Breve história do feminismo – São Paulo: Claridade, 2015. 120 p. (Saber tudo).

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MURARO, Rose Marie. Um mundo novo em gestação. 1ªEd. 2003. P.82.

RAGO, M. Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos. In: LIMA, C. C. Poéticas e Políticas Feministas. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004.